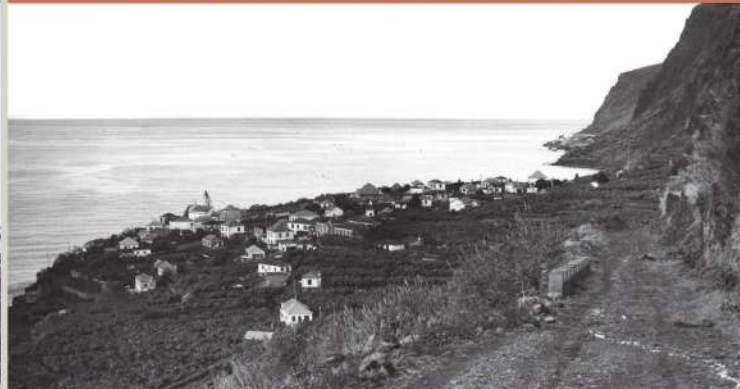




Antiga construção, caiada de cor avermelhada, conhecida por “Casa da Pimentinha”, erguida nas imediações do local onde se levantava a desaparecida capela de Nossa Senhora da Estrela mandada edificar no séc. XV, sítio da Estrela, Calheta. Foto Rosado, 1970, negativo em película, ABM, COLFOT, n3799.



Vista panorâmica do Jardim do Mar observando-se a estrada ainda em terra; ao fundo, o Paul do Mar. Foto Rosado, 1971, negativo em película, ABM, COLFOT, n3914.

**N**a mostra agora levada a efeito pelo ABM, são fornecidas ao público antigas memórias deste concelho da «Costa de Baixo» insular através das variadas imagens fotográficas disponibilizadas e da documentação de tipologia diversa também patente.

São dados a conhecer vários aspectos do secular património edificado e dos vultos arquitectónicos relevantes, alguns deles já desaparecidos. Revelam-se igrejas e capelas e as notáveis peças que compõem o seu recheio, algumas delas provenientes da Flandres. Apresentam-se curiosas cenas do típico quotidiano rural de outrora e dos pitorescos panoramas campestres e finalmente exibem-se as deslumbrantes paisagens com luxuriante vegetação da «serra» da Calheta.

Além das imagens da Colecção Fotográfica do ABM, são também divulgadas diversas fotografias dos variados fotógrafos que compõem o acervo da «Photographia Museu Vicentes».

**Ficha técnica**

Conteúdos – Jorge Valdemar Guerra

Grafiismo – Leonardo Vasconcelos

Traduções – Liliana Pestana; revisão de Maria da Cunha Paredes

Apoio na seleção de documentos – Manuela Marques, Nuno Mota e Paula Vasconcelos

Montagem – Equipa técnica do ABM e do MUDAS.Museu

Coordenação – Fátima Barros

Projeto de parceria entre o Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (ABM) e o MUDAS.Museu de Arte Contemporânea da Madeira

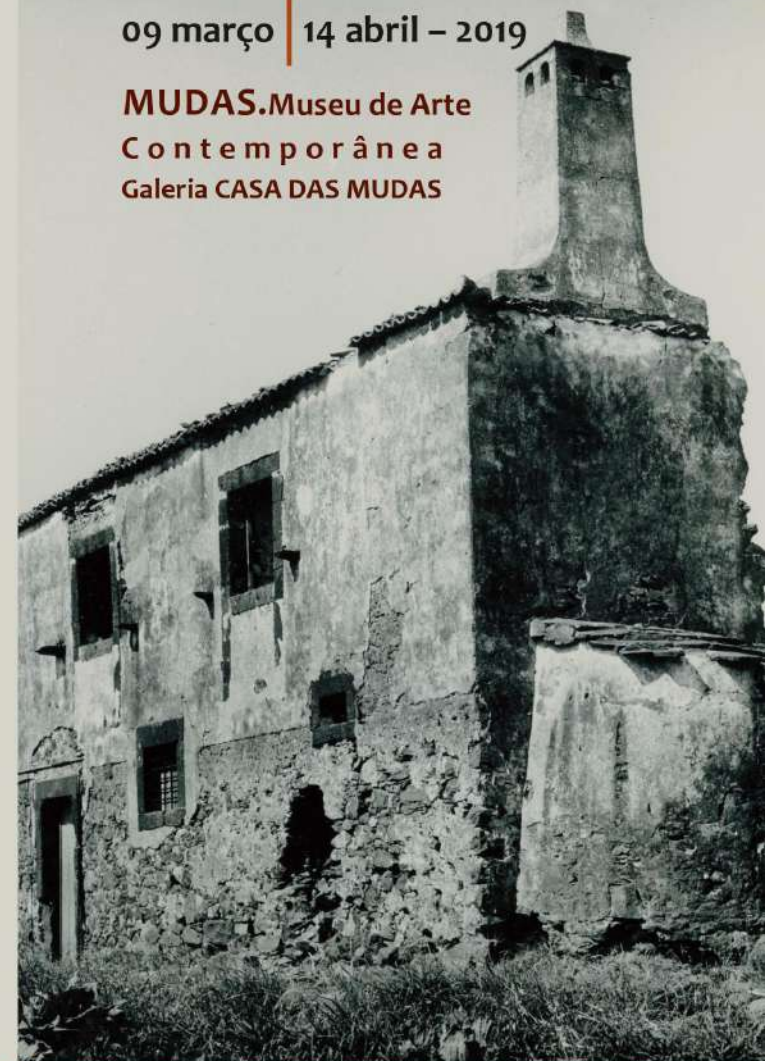


Panorâmica da vila da Calheta obtida de sul; à esquerda, observa-se a igreja do Espírito Santo. Foto Joaquim Augusto de Sousa, início do séc. XX, negativo em vidro, ABM, JAS/802.

# IMAGENS E MEMÓRIA DO CONCELHO DA CALHETA-Exposição

09 março | 14 abril – 2019

**MUDAS.Museu de Arte Contemporânea**  
Galeria CASA DAS MUDAS





Capela dos Reis Magos: pormenor da porta arquivada, Lombo dos Reis, Estreito da Calheta. Foto Rosado, 1973, negativo em película, ABM, COLFOT, n4216.



Vista panorâmica da Ponta do Pargo; ao fundo, descortina-se a igreja de São Pedro. Foto Joaquim Augusto de Sousa, início do séc. XX, negativo em vidro, ABM, JAS/803.

O extremo oeste da costa sul da Madeira foi a última parcela do território insular explorada pelo capitão João Gonçalves Zarco. Durante essa viagem de reconhecimento, Zarco e os companheiros saltaram dos batéis «entre uns penedos donde fizeram à mão um desembarcadouro a que o capitão pôs nome Calheta». As vastas terras da «Costa de Baixo» integraram a Capitania do Funchal, formalmente doada a Zarco em 1450. Em 1461, o povoamento daquela área insular era já acentuado a ponto de os moradores solicitarem ao Senhor da Ilha capelães para quatro localidades da capitania, uma das quais o Arco, considerada por certo a povoação mais importante do oeste da Ilha. Na época, sublinhe-se, existia apenas um capelão no Funchal, pois até então «a gente era pouca», mas agora «é em mais multiplicação». Não chegaram até nós quaisquer diplomas, régios ou eclesiásticos, alusivos à criação, desde os inícios do século XVI, de sete das oito freguesias que compõem o concelho da Calheta. A única excepção diz respeito à desanexação dos Prazeres do Estreito da Calheta que ocorreu em 1734.

Quando no último quartel de Quatrocentos irrompe o surto açucareiro, depressa se evidencia a singular adequação dos férteis solos da Calheta – principalmente entre o Arco e a Fajã da Ovelha – para a produção de açúcar. Pelo contrário, os terrenos que se estendiam da Fajã até à Ponta do Pargo prestavam-se sobretudo para cereais e criação de gado. Alastram portanto os canaviais, fabricam-se engenhos, ao mesmo tempo que se assiste a um progressivo aumento populacional. Junto ao mar e em torno da igreja, emerge agora o «lugar» da Calheta. Apertado entre «rochas tão altas» que, no dizer de Frutuoso, «acontece às vezes caírem pedras das rochas e derrubar casas», é o «lugar» da Calheta o privilegiado por D. Manuel para estabelecer uma nova vila em 1 de Julho de 1502, determinando que se denomine *Vila Nova da Calheta*.

A florescente economia açucareira proporcionou então que os recheios das igrejas fossem particularmente enriquecidos com uma diversidade de valiosas peças – algumas das quais oriundas da Flandres – e permitiu que os grandes proprietários de canaviais erguessem capelas de excepcional qualidade, como a de Nossa Senhora do Loreto no Arco ou a dos Reis Magos no Estreito da Calheta. Quando nos fins de Quinhentos a produção açucareira descrevia uma abrupta curva descendente laboravam ainda no território da Calheta cerca de oito engenhos.

Resta ainda relevar o singular facto de ter sido a Calheta o topónimo elegido para a atribuição de um título nobiliárquico – o único concedido a madeirenses até aos inícios do século XIX. Realmente, em Agosto de 1576, D. Sebastião agraciou Simão Gonçalves da Câmara, 5.º capitão donatário do Funchal, com o título de Conde da Vila da Calheta. O condado foi depois incorporado no marquesado de Castelo Melhor, em cuja Casa fora, por via sucessória, integrada a donataria funchalense.

Finalmente, uma especial menção para o património florestal da «serra» da Calheta onde avultam o belíssimo planalto do Paul e o vale do Rabaçal com a sua exuberante vegetação. Desde meados de Oitocentos, a cascata do Risco ou as nascentes das Vinte e Cinco Fontes constituíram visitas obrigatórias dos inúmeros excursionistas que, com sérias dificuldades, se deslocavam, tanto a pé como de rede, até estes deslumbrantes panoramas. Nessa época, foi levado a cabo um notável empreendimento naquelas paragens quando se procedeu à perfuração do Monte das Estrebarias para permitir a condução das abundantes águas captadas no vale do Rabaçal para a vertente sul, tão carente das mesmas. A abertura do «furado» ficou concluída em 1855.

Jorge Valdemar Guerra